

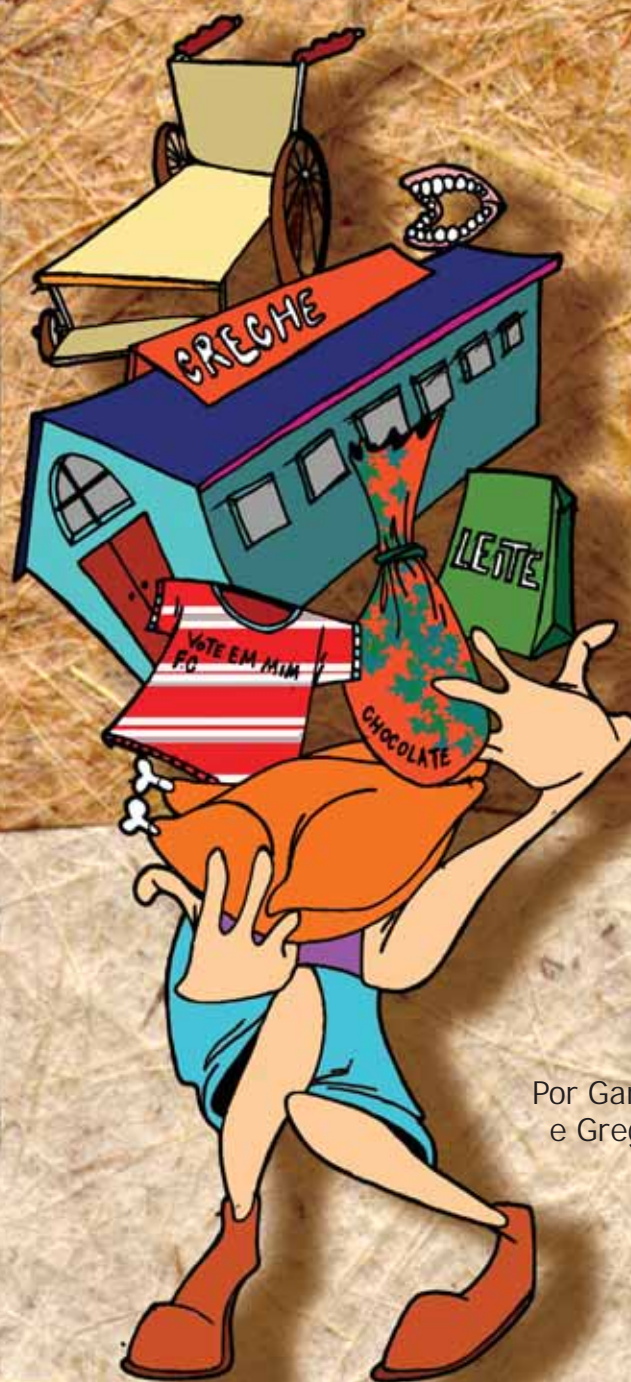
Becos e vielas Z/S

A voz da periferia

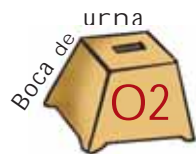


SACOLÃO ELEITORAL

Para entender
o **mercadão**
das eleições,
trocamos uma idéia
com **candidatos**
da região,
medimos a
poluição visual,
mostramos
malandrags
de campanha e
até colamos num
churrasquinho
eleitoreiro.
Leia e tire suas
conclusões.



Por Ganu
e Grego



Becos e Velas Z/S
A vez da periferia

Quem somos

Becos e Velas Z/S é uma publicação da Oficina Experimental de Jornalismo - Módulo Jardim Ângela, criada pela **Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal**. O projeto, que envolve jornalistas, artistas gráficos e fotógrafos, acontece no bairro do Jardim Ângela, zona sul da capital paulista. Os textos, fotos e projeto gráfico desta edição foram todos concebidos por jovens da periferia que participam da iniciativa.

PARTICIPANTES: Amanda Lacerda, Carlos Oliveira, Cláudio Sacramento (Ganu), Érica Sousa, Fabiana Veríssimo, Francielle Jordânia, Jaqueline Alves, Juliana Ferreira, Juliana Santos, Rodolfo Ferreira (Grego) e Rogério Pixote

VOLUNTÁRIOS: Alessandro Nery, Alexandre Gomes (USP), Armando Antenore, Cristiane Maia (USP), Fernanda Mena, Glauco Ciasca, Heloisa Helvécia, Joana Brasileiro, Laura Capriglione, Marlene Bergamo, Paulo Daniel Farah, Pedro Azevedo

Se você tem alguma denúncia, sugestão ou crítica, escreva para av. Ivirapema, 42A, Jd. Raniere, São Paulo - SP, CEP 04941-010.
E-mail: becoszs@ig.com.br
Tel.: (11) 5831-5954

Associação de Incentivo
às Comunicações



Morador de rua, no viaduto Jacaref, em frente à Câmara Municipal

Por Francielle Jordânia

Quem dá mais?

A compra de voto é uma herança brasileira fortíssima, iniciada por coronéis da política que tinham poder sobre o Estado em que residiam e que obrigavam as pessoas sob seu domínio a votar em quem eles queriam.

Com o tempo, o voto passou a ser visto como um comércio: uma cesta básica por um voto, um frango por um voto ou até mesmo um pequeno favor por um voto, prática comum entre muitos políticos em época de eleição.

Hoje, principalmente nas periferias, há políticos que só lembram dessas comunidades de quatro em quatro anos. Eles acreditam que o voto da população está à venda e tentam comprá-lo com o que for possível. Povo sem memória, que acredita na "bondade" de corruptos, que pensam que só temos fome durante esta época.

E onde estão as melhorias que eles prometem? No frango de um almoço só, na cesta básica de um mês, na formatura de uma noite, na camiseta de pijama? Com certeza, não.

Nas próximas eleições, o comércio de votos abre as portas com muitos sorrisos e promessas e o povo diz: "Quem dá mais?". E assim os candidatos encontram a chave da porta da Câmara dos Vereadores e de um salário de R\$ 7 mil.

Essas esmolas são aceitas por necessidade, mas temos que votar com consciência e não por um prato de comida, pois eles vão e quem fica se remoendo na miséria somos nós.

Por Juliana Santos

PATROCÍNIO



PETROBRAS

APOIO



APOIO INSTITUCIONAL



Para quê tanto vereador?

Quando você vota em um vereador, está escolhendo um político que vai receber um salário de mais de R\$ 7 mil para, teoricamente, defender e garantir os seus direitos.

Mas o que será que ele faz de verdade? O que sabemos é que só o prefeito pode, por exemplo, construir casas populares ou dar material escolar e uniforme. Mas quem cria as leis da cidade? São os vereadores. Essas leis, no entanto, devem ser aprovadas pela prefeitura da cidade e encaminhadas antes de serem colocadas em prática.

São os vereadores que fiscalizam as ações do município (do prefeito, dos secretários etc.) e criam projetos de lei para a melhoria da cidade, a partir dos problemas que encontram nos bairros.

A cada eleição são eleitos 55 vereadores de todos os partidos. Eles atuam durante 4 anos e podem se candidatar à reeleição quantas vezes quiserem.

Na prática, os vereadores não podem prometer empregos, casas ou alimentação para seus eleitores porque seu poder refere-se unicamente a criar projetos de lei. A promessa de uma casa, por exemplo, depende de um projeto de lei, que precisa ser avaliado e aprovado, de verba no orçamento do município e de um critério de escolha para que as áreas mais carentes sejam as primeiras beneficiadas. Todo esse processo não faz mais parte do poder do vereador e sim da prefeitura e de seus órgãos. Por isso, fique esperto com as promessas que são feitas por aí.

Para conhecer as necessidades de cada canto da cidade, os vereadores precisam visitar seus bairros. O que estamos vendo nestes últimos meses são muitas caminhadas pelas periferias e falatório sobre o quanto ainda falta para melhorar nossa comunidade. Pena que tudo isso aconteça só em época de eleição.

Por Amanda Lacerda

Seu Madruga cansou de tomar na cara!

Quem sobe a M' Boi Mirim já deve ter visto, depois do terminal Ângela, no barranco, placas de madeira escritas à mão: "Vote no Seu Madruga 44631". Não é piada: é um candidato que se parece com o personagem do programa de TV "Chaves".

Jonas Fontoura Santana, o "Seu Madruga", é candidato pela 5ª vez pelo PRP (Partido Republicano Progressista). Na última eleição, obteve 416 votos para deputado federal.

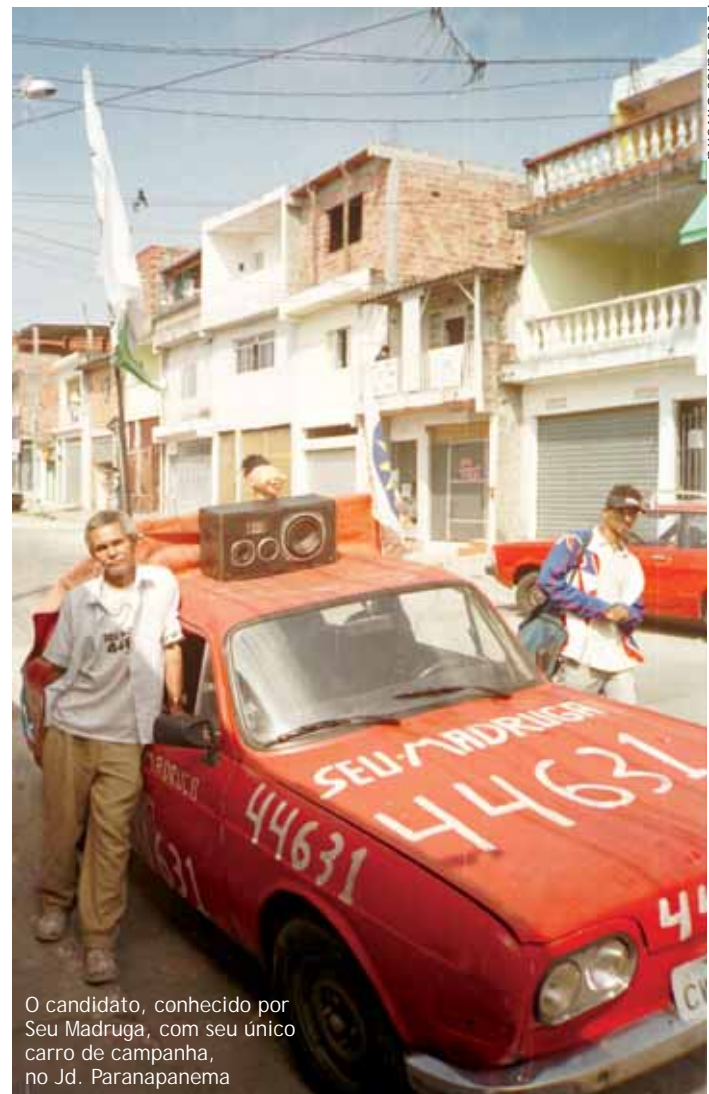
Seu Madruga veio de I tu aos 10 anos, tem o ensino fundamental incompleto e hoje, aos 56 anos, é casado, pai de 4 filhos e trabalha com reciclagem e ferro-velho.

"Me candidatei porque sou revoltado com a roubalheira e a politicagem."

Seu Madruga não gasta nada com campanha. "Sou meu assessor, meu cabo, faço propagandas em muros legalizados e barrancos no Morro do Índio. Uma das maiores dificuldades que tenho é a falta de dinheiro e a falta de poder para trabalhar na comunidade. Com o cargo, teria mais influência."

Ele disse que o salário de R\$ 7 mil é muito pra um vereador e, se eleito, tentará abaixar seu próprio salário. Seu Madruga diz que ajudou a regularizar o Jd. Paranapanema e que lutou pelo posto de saúde e garante que lutará contra a corrupção e pelas cooperativas de reciclagem.

Por Rogério Pixote e Carlos Oliveira



O candidato, conhecido por Seu Madruga, com seu único carro de campanha, no Jd. Paranapanema

Foto Carlos Oliveira



Becos e Velas Z/S
A vez da periferia

Se liga na idéia que trocamos com esses caras: que mais poluem a nossa região com suas

Arselino Tatto PT

Becos e Velas: Quais os seus principais projetos ?

Arselino Tatto: O mais importante é a criação das escolas profissionalizantes na periferia. Fiz o Renda Mínima, a meia-entrada para estudantes em cinema. São leis de minha autoria: banco de alimentos, o serviço Atende para os deficientes e, agora, quero trabalhar na área da cultura, do esporte e, principalmente, na área do emprego com a criação de escolas profissionalizantes para facilitar a entrada de jovens da periferia no mercado de trabalho. Na área do esporte, tem o projeto que proíbe acabar com os campos de futebol de várzea; criei as casas de abrigo para atender mulheres vítimas de violência. Para o aposentado de baixa renda, criei uma lei que o isenta de pagar IPTU. Também tem o enterro gratuito para as famílias que ganham até 3 salários mínimos. São mais de 100 projetos.

Becos: Em relação à violência você tem algum projeto?

Tatto: Quando você vota um projeto de renda mínima, você está combatendo a violência. Você está fazendo com que aquela família tenha uma renda mensal para poder alimentar seus filhos e colocá-los na escola. Certamente ele terá menos chance de se tornar um bandido do que se ele não for para a escola. Violência não se combate apenas com polícia na rua, não só com presídios, você combate criando empregos, distribuição de renda, tendo uma política na área cultural, tendo lazer para a população da periferia. Violência é combatida com cidadania.

Becos: Com que frequência você visita as periferias?

Tatto: Há 25 anos, todo fim de semana e quando a sessão acaba mais cedo. Constantemente somos convidados a visitar os bairros. E a população tem que cobrar quando não formos.

Becos: Dos problemas que a população enfrenta, qual considera o mais grave, e qual seu projeto para ele?

Tatto: O desemprego e a insegurança. Quando você consegue um emprego, tudo melhora. Em relação ao desemprego, eu quero o apoio da prefeita para aprovar a criação de escolas profissionalizantes na periferia. Hoje o jovem vai procurar emprego e, se ele não tem experiência, ele não serve.

Becos: Este curso profissionalizante terá duração de quanto tempo e como funcionará?

Tatto: Eu montei o restaurante-escola aqui na Câmara. Nós formamos 65 jovens o mês passado e tem mais 60 jovens agora, estão aprendendo tudo na área da gastronomia. Tem jovens do Jardim Ângela, Vila Calú, Cantinho do Céu, Cidade Tiradentes. Estão aprendendo profissão, garçom, barman, confeitiro, padeiro, até o pãozinho francês que é consumido aqui é feito por eles. A duração é de 6 meses e recebem uma bolsa de 100 reais por mês mais vale transporte, e têm alimentação aqui. Dezesesseis deles já conseguiram emprego em restaurantes importantes da cidade. Isso poderia ser feito na periferia, não só restaurante-escola, mas desde uma metalúrgica, na área de computação, escritório, prestação de serviço em geral.

Becos: Por que você acha que esses projetos ainda não foram implantados na periferia?

Tatto: Porque é preciso uma lei que obrigue o executivo a liberar verba. A prefeita implantou o Renda Mínima, Bolsa



O candidato Arselino Tatto, que é vereador e atual presidente da Câmara, em seu gabinete

Trabalho (que já atende 200 mil famílias), Começar de Novo, uma série de projetos sociais que eu criei, mas agora o próximo passo é batalhar pelas escolas profissionalizantes.

Becos: Já deu ou prometeu "presentes" para que os eleitores votem em você?

Tatto: Dentro do PT, procuramos difundir a idéia de que você deve conquistar o voto através de propostas, projetos, programas, politizando a eleição. Não simplesmente chegar com um caminhão de som no comício e prometer coisas que você não pode cumprir.

Becos: As propagandas políticas causam poluição visual. O senhor mandará limpar os muros com o seu nome e retirar as faixas dos postes, após a eleição?

Tatto: Todo muro depois da eleição é limpo. Mas sempre tem militantes que acabam exagerando e acaba sobrando para o candidato. A poluição visual é ruim, mas é o que o candidato tem para ser conhecido. Só dando entrevista não basta.

Becos: A mídia tem uma grande influência sobre a população. A mídia pode eleger ou não um determinado candidato?

Tatto: A mídia hoje é o principal poder que existe, tanto pode destruir rapidinho, como ela pode fabricar o vereador, fabricar um deputado, ela tem um poder terrível. E normalmente quando eles falam mal de alguém, depois eles não nos dão o direito de resposta.

além de serem dois dos candidatos a vereador propagandas, também são os mais influentes.

Milton Leite PMDB

Becos e Viegas: Dos seus projetos, quais você considera o mais importante?

Milton Leite: O mais importante é o que permite que a prefeitura venda terrenos públicos financiados pelo poder público, ou seja, permite que a população de baixa renda possa comprar terrenos com a devida infra-estrutura pagando 20% do valor do salário mínimo. Além do mais, investi R\$ 120 milhões só na região da M'Boi Mirim. Disponibilizei mais de R\$ 40 milhões de reais para limpar a represa Guarapiranga. Também estamos trabalhando para retirar famílias das margens dos córregos. Fora a pavimentação de várias ruas e vielas.

Becos: De onde vem esse dinheiro todo?

Milton: Da prefeitura. Mas cabe ao vereador propor e convencer os seus pares de que o seu projeto é bom. Aí ele será aprovado.

Becos: Como funciona isso?

Milton: Os vereadores com um pouco mais de capacidade de convencimento acabam aplicando e tendo mais dinheiro para aplicar na sua região. É por isso que, seguramente, vocês já ouviram falar: "Esse Milton Leite trabalha." Eu sei que vocês já ouviram isso na nossa região. Vocês já ouviram falar, não é?

Becos: Não, nós nunca ouvimos falar.

Milton: Então, vocês não moram no Jardim Ângela. *(Becos é feito por jovens moradores do Jardim Ângela e proximidades)*

Becos: O seu foco neste mandato foram os projetos habitacionais. Se você for reeleito...

Milton: Vocês são do *Becos e Viegas*, e eu acho estranho vocês nunca terem ouvido falar das minhas obras. Se você apontar um dedo no Jardim Ângela, para qualquer lado, a menos de 500 metros da sua casa tem uma obra minha. Eu lamento que vocês, morando no Jardim Ângela, não saibam que eu fui aquele que mais construiu vielas e mutirões na Zona Sul. Eu sou capaz de dizer mais de 360 vielas que eu fiz onde vocês moram. Lamento que vocês não conheçam.

Becos: O que você entende por clientelismo político?

Milton: Clientelismo político é quando se dá alguma coisa em troca do voto. Um time de futebol, por exemplo, mantido com jogo de camisa, isso é clientelismo. Você construir quadras de futebol e entregar para a comunidade não é clientelismo, é defender a sua comunidade. São duas coisas diferentes, você manter uma família, ficar dando cesta básica, isso é clientelismo, mesmo fora do período eleitoral.

Becos: Ainda acontece muito clientelismo no Brasil?

Milton: Aqui alguns vereadores fazem isso. É lamentável que eles cheguem na última hora e: "Eu vou fazer isso para você em troca do seu voto".



Fotos Francielle Jordania

O candidato e vereador Milton Leite, presidente da comissão de finanças da Câmara, bem à vontade em seu comitê em Veleiros

Becos: Você já recorreu a esse tipo de campanha?

Milton: Não, imagina! Eu não preciso disso. Eu devo ter, segundo as estatísticas, a maior votação histórica do teu bairro. Devo bater o recorde histórico deste país. Aqui na região do M'Boi Mirim, mais de 50 mil votos. Nunca em nenhum lugar alguém teve isso.

Becos: Você costuma visitar as comunidades?

Milton: Permanentemente, eu não paro. De 15 em 15 dias. Na política eu divido assim: um final de semana com a família e outro com a comunidade.

Becos: Em época de eleição cria-se muita poluição visual. Você vai mandar limpar suas propagandas?

Milton: A lei permite que se coloque os materiais e exige que eles sejam retirados 15 dias após as eleições.

Becos: Você emprega algum parente na Câmara?

Milton: Meu cunhado. Ele trabalha como meu assessor parlamentar. Ele é contador e me ajuda na área de finanças. É um cargo nominal. (Cargo em que o vereador pode nomear quem ele quiser sem a necessidade de concurso público.)

Becos: Os candidatos querem combater o desemprego e empregam amigos, parentes. Como é que funciona isso?

Milton: Ele também está combatendo o desemprego, ou o amigo não é desempregado?



Becos e Vuelas Z/S
A vez da periferia

Os "porcos" e a sujeira das eleições

O bicho-homem, no período das eleições, sai espalhando por aí uma coisa feia. Essa coisa suja aparece em muros, postes, outdoors, faixas e banners, degrada a nossa vida e causa também uma espécie de náusea. O bicho-homem sai espalhando por aí um código sem sentido, letras e números com a sua cara feliz. Não sei se ele faz isso para ter o que fazer, ou por não ter o que fazer...

Para chegar ao poder é preciso piorar ainda mais a poluição visual e agredir ainda mais a paisagem urbana? Será que os bichos-homens não sabem que existem leis que proíbem esse tipo de poluição?

O que o bicho-homem quer é que todos o conheçam e se lembrem dele num dia muito especial. Nesse dia ele poderá mudar a própria vida e a de outras pessoas. E todos os outros bichos-homens, então, serão comandados por ele. Porque o bicho-homem deseja o poder e não importa o que ele tem de fazer para consegui-lo.

A reportagem de Becos e Vuelas elegeu os candidatos que mais sujaram a região, a partir de observação feita nas proximidades do Jardim Ângela.

Por Francielle Jordânia



Candidato "100%" suja ponte sobre esgoto a céu aberto no Jd. Novo Sto. Amaro



Por Grego, Neo e Ganu

- | | |
|---------------------------------|-----------------------|
| 1° Marta, PT | |
| 2° Antonio Carlos Rodrigues, PL | 3° Milton Leite, PMDB |
| 4° Arselino Tatto | PT |
| 5° Cláudio Prado | PDT |
| 6° Rubinho | PT |
| 7° Alfredinho | PT |
| 8° Donato | PT |
| 9° Reis | PT |
| 10° Dr. Mario Dias | PTB |



Fotos Francielle Jordânia

Faixas e cartazes viram cenário para pedinte na Piraporinha (Sto. Amaro)

'Eco-churrasco' eleitoreiro

Em um domingo caloroso, nada melhor que um churrasco ao som de samba, sertanejo, Bruno e Marrone e Martinho da Vila. Principalmente se for de graça. Em Santo Amaro, no comitê do candidato a vereador Abou Anni, do PV (Partido Verde), seus 400 "amigos particulares" chegam para um evento como esse em um galpão sem ventilação.

Por volta das 10 horas, famílias inteiras aguardam a succulenta festa. Como será que os contemporâneos daqueles 100 kg de boi, que ainda habitam algum pasto distante, se sentiriam ao saber que os amigos vão ser assados pelo Partido Verde?

A partir das 11:30, as pessoas já fazem fila, carregando seus pratinhos descartáveis e a feição de ansiedade. Os homens bebem a cerveja dos amigos e comem insaciavelmente: um garoto bem vestido, limpo, enfia na boca um pão com carne quase que inteiro, mastigando com a boca aberta, deixando à mostra a falta de dentes.

Tem gente de todos os jeitos: japoneses, negros, brancos. Mas nem todos estão ali interessados no churrasco, e a festa inicialmente particular se transforma num comício.

Com sua música de campanha ao fundo, o candidato lê um projeto de lei que pretende levar para a Câmara, como apoio para a Cooperativa de Vende-



dores de Doce Ambulantes. Os integrantes da cooperativa, organizada há 2 anos, estão presentes, reivindicando a legalização da entrada de vendedores nos ônibus, identificados através de coletes coloridos para cada região da cidade.

E depois de encherem a pança do eleitorado com carne mal passada (e de graça!), o candidato e seu amigo particular, o deputado Arnaldo Faria de Sá, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), sobem no palanque e começam a espalhar frases de impacto, dizendo: "Vocês não precisam de cestas básicas ou incentivos gratuitos, vocês precisam de emprego para construir uma vida digna".

Para encerrar a confraternização, a música de efeito, tocada incansavelmente, é "Poeira", da cantora

I vete Sangalo. Todos dançam, cantam, levantam as mãos e vibram como numa espécie de ritual.

Em uma conversa improvisada, o candidato profere palavras de otimismo: "Tenho certeza que, neste ano, vamos ganhar as eleições". E, quando questionado sobre por que promovia um churrasco de campanha sendo filiado ao Partido Verde, que é ligado a causas ambientais, Abou Anni nos diz: "Esta é uma confraternização particular, que nada tem de ligação com o partido. Todas as pessoas aqui são meus convidados".

A fumaceira espalhada pela carne assada em galpão fechado para os "convidados particulares" talvez ajude a levantar a poeira esperada pelo candidato.

Por Amanda Lacerda e
Juliana Santos



Cabo eleitoral distribui pão e churrasco para os convidados



Bocas e Votas Z/S
A vez da periferia

PROMOÇÃO:



Seu voto por R\$1,99

Políticos pilantras se elegem à custa da miséria

A LEI está aí. Ajude a exterminar os mercadores de votos.

O povo brasileiro já dispõe de uma arma importante para combater fraudes eleitorais e práticas políticas criminosas, como o clientelismo. Essa arma é a Lei nº. 9.840, de 29 de setembro de 1999, que pune com mais eficácia a compra de votos e permite o afastamento do processo eleitoral dos políticos aproveitadores, que exploram as carências populares para conquistar mandatos e exercê-los apenas em seu próprio proveito. Mas é preciso fiscalizar o respeito à lei e denunciar os crimes contra a democracia.

VOTO: não venda, não empreste, não troque. É criminoso todo candidato que pede voto ao eleitor em troca de algum bem ou vantagem como, por

exemplo, cesta básica, dentadura, festa de formatura etc. A lei 9.840 estabelece que é proibido a qualquer candidato "doar, oferecer, prometer, ou entregar, ao eleitor, com o fim de obter-lhe o voto, bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive emprego ou função pública".

A compra de voto é uma forma de **CLIENTELISMO**, prática eleitoreira que consiste em privilegiar uma clientela, usando bens públicos para benefícios privados. Embora venha diminuindo nos últimos anos, ainda é comum no Brasil. Na eleição passada, segundo pesquisa do Ibope divulgada pela ONG Transparência Brasil, candidatos tentaram subornar 3,4 milhões de eleitores, oferecendo comprar

seus votos em troca de dinheiro, bens materiais e favores da administração pública.

Quem já está no **PODER** não deve levar vantagem para a urna.

Quando um prefeito usa a máquina administrativa a serviço do seu partido, ele afeta a igualdade de oportunidade entre os candidatos, já que os que não estão no poder têm menos recursos nas suas mãos. "Usar a máquina administrativa" significa, por exemplo, ceder, em benefício de candidato, partido político ou coligação, imóveis e bens públicos como telefones, serviços, transportes e materiais pagos com dinheiro público, ou emprestar funcionários da administração para trabalho em comitês, campanhas no horário do expediente. Essa prática é proibida pela Lei Eleitoral (Lei nº 9504, de 30 de setembro de 1997).

Fontes: Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (www.lei9840.org.br), Estadão Online, Pesquisa Ibope (dez. de 2002).